



## IX CONGRESSO PORTUGUÊS DE SOCIOLOGIA

### Portugal, território de territórios

---

---

ÁREA TEMÁTICA: Sociologia das Emoções [ST]

---

---

**TERRITÓRIOS DA MEMÓRIA: WALTER BENJAMIN E SUA INFÂNCIA BERLINENSE**

---

---

OLIVEIRA, Beatriz

Mestranda em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [beatrizsalgado.co@gmail.com](mailto:beatrizsalgado.co@gmail.com)

---

STELMASTCHUK, Ulisses

Mestrando em Ciências Sociais com ênfase em Antropologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, [uli805@hotmail.com](mailto:uli805@hotmail.com)

---

#### Resumo

Este artigo problematiza o papel da memória na obra “Infância berlinense por volta de 1900”, de Walter Benjamin, no intuito de identificar potenciais questões para reflexão no campo de estudos da antropologia urbana. Ao narrar suas memórias infantis em conjunto com elementos histórico-sociais da cidade de Berlim do início do século XX, Benjamin acaba por evidenciar não apenas sua experiência individual, mas também a experiência de uma coletividade de sua cidade natal, por volta de 1900. O autor é capaz de fazer emergir importantes características sociais da cidade, revelando o imaginário de uma época. As temáticas presentes na obra, como a ideia de espacialização da memória, a vigem ao passado e a sensibilidade da percepção infantil sobre o mundo, liberam o potencial etnográfico de “Infância berlinense”, que pode tornar-se importante referência para o pesquisador das grandes metrópoles do século XXI.

#### Abstract

This article discusses the role of memory in Walter Benjamin's book "Berlin Childhood around 1900", in order to identify potential issues for reflection in the field of urban anthropology studies. The articulation of the author's childhood memories with historical and social elements of the city of Berlin in the early twentieth century, allows Benjamin to point out not only his individual experience, but also a collective experience of a certain community of his hometown. The author is able to put into evidence important social characteristics of the city, revealing the imaginary of an epoch. The themes presented in his work, as the spatial idea of memory, the journey into the past and the sensitivity of children's perception about the world, release the ethnographic potential of "Berlin childhood", which can become an important reference for urban researchers of the XXI century's metropolis.

Palavras-chave: memória; cidade; território; etnografia urbana; Walter Benjamin

Keywords: memory; city; territory; urban ethnography; Walter Benjamin

[COM0366]



## Introdução

A questão da memória certamente ocupa posição de centralidade na obra benjaminiana. Como afirma Jeanne Marie Gagnebin, “Walter Benjamin é conhecido, talvez em demasia, por ser um teórico da memória e da conservação do passado” (Gagnebin, 2014, p. 217). Com efeito, a teoria da memória do autor perpassa toda a sua obra, e evidencia seu potencial para reflexão em diversos campos de conhecimento. Nesse sentido, nota-se um grande potencial para reflexão da teoria da memória benjaminiana no escopo dos estudos antropológicos. Em especial, ressalte-se os escritos de *Infância berlinense por volta de 1900*, coletânea de textos redigida entre 1932 e 1934, através da qual Benjamin descortina imagens da capital alemã no período de sua infância. A coleção de escritos é exemplo da maneira pela qual Walter Benjamin articula uma espécie de memória coletiva, por meio de uma observância sensível dos espaços da cidade.

Procurar-se-á, neste artigo, identificar os principais pontos de análise destes escritos benjaminianos sobre a cidade de Berlim para, ao fim, indicar algumas problemáticas no campo da antropologia urbana que podem ser trabalhadas por meio destas referências.

### 1. Textos berlinenses e a influência proustiana

*Infância berlinense* é uma das obras que compõem um conjunto mais amplo de textos do autor sobre a cidade de Berlim, onde nasceu e viveu grande parte de sua vida. Estes textos berlinenses são escritos em um período sombrio da vida do autor, exilado de sua cidade natal, tomada pelo espectro do Nacional Socialismo e das atrocidades que viriam com ele.

Benjamin, em correspondências à Gershom Scholem, afirma que, à época em que escrevia sua obra, havia voltado a tomar contato mais intenso com o romance proustiano, *Em Busca do Tempo Perdido*. O autor também afirma ao colega:

*Quanto ao mais, espero destas recordações de infância – que você já terá percebido não tratar-se, de forma alguma, de relatos ao modo de crônicas e sim de uma outra expedição às profundezas da memória – espero que elas possam ser publicadas como livro* (Benjamin; Scholem, 1993, p. 33).

A afirmação de que sua obra articula uma “outra expedição às profundezas da memória”, leva muitos dos comentadores de *Infância berlinense* a evidenciarem, especialmente, a influência proustiana da concepção de “memória involuntária” nos textos sobre Berlim.

Com efeito, mais do que leitor, Benjamin foi tradutor de Proust. Com Franz Hessel<sup>1</sup>, publica a tradução para alemão de *À sombra das raparigas em flor* e *d’O caminho de Guermantes*, em 1926 e 1930, respectivamente. Sozinho, o autor também traduz *Sodoma e Gomorra*, cujo manuscrito, infelizmente, consta como desaparecido (Kahn, 2012, p. 61).

Comentadores assinalam uma grande similaridade entre *Infância berlinense* e a *Busca* e, realmente, é possível constatar a presença de temáticas muito comuns a ambas as obras. Todavia, semelhanças formais à parte, é evidente que entre ambas as obras, há importantes pontos de intertextualidade conceitual. Em especial, a noção proustiana de *mémoire involontaire* ecoará de maneira profunda nas concepções benjaminianas de memória.

Quicá, a referência a uma “teoria da memória benjaminiana” seja um tanto ousada. Com efeito, não há qualquer texto de Walter Benjamin no qual o autor construa, de forma direta, uma “teoria da memória”. Na verdade, seus escritos e reflexões sobre a questão estão dispostos em sua obra de maneira bastante fragmentária<sup>2</sup>.

A influência de Proust e da ideia de *mémoire involontaire* na obra de Benjamin é marcante. No primeiro volume de sua *Busca*, Proust narra o célebre episódio da *madeleine*, quando o bolinho francês é mergulhado no chá de tília, o que gera um estímulo sensorial decisivo ao Narrador. Sobre esta “hora supremamente significativa”, Benjamin comenta:

*Até aquela tarde em que o sabor da Madeleine (espécie de bolo pequeno) o houvesse transportado de volta aos velhos tempos – sabor a que se reportará, então, frequentemente -, Proust estaria limitado àquilo que lhe proporcionava uma memória sujeita aos apelos da atenção. Esta seria a mémoire volontaire, a memória voluntária; e as informações sobre o passado, por ela transmitidas, não guardam nenhum traço dele* (Benjamin, 2011c, p. 106).

Dito de outra maneira, enquanto o Narrador procurava recordar seu passado de maneira voluntária, pelos “apelos da atenção”, seu empreendimento memorialista era malogrado. Nesse sentido, apenas o acaso – o contato com um objeto, um cheiro, um alimento, como é o caso da *madeleine* - permitiria ao indivíduo realmente “se apossar de sua própria experiência” (Benjamin, 2011c, p. 106) e acessar as imagens de um outro tipo de memória, aquela de caráter *involuntário*.

O *acaso*, que aqui determina a *mémoire involontaire*, não é, todavia, a única qualidade que a distingue da memória voluntária. Nesse sentido, cabe salientar a intrínseca relação entre a memória involuntária proustiana e o esquecimento que, na obra do romancista, tem papel tão importante quanto a recordação.

Em 1929, Benjamin publica um artigo sobre escritor, cujo título foi traduzido para o português como “A Imagem de Proust” (Benjamin, 2011a, p. 36-49). Neste texto, Benjamin desenvolve uma metáfora bastante conhecida aos seus leitores, aquela da memória como um tecido, e afirma: “Se *texto* significava, para os romanos, aquilo que se tece, nenhum texto é mais “tecido” que o de Proust, e de forma mais densa” (Benjamin, 2011a, p. 37).

Como argumenta o autor, Proust, em sua imensa obra, “não descreveu uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada” (Benjamin, 2011a, p. 37). Nessa perspectiva, se seu trabalho da memória pode ser comparado ao trabalho de tecelagem, suas memórias seriam trama, porém, a urdidura de seu tear seria, certamente, o esquecimento. Benjamin inclusive compara o trabalho proustiano com aquele de “Penélope da reminiscência”. Se a personagem da *Odisseia* tecia o sudário de Laerte durante o dia e o desfazia durante a noite, era para que as imagens de Ulisses e da fidelidade conjugal fossem *lembradas* e, o esquecimento, negado. Já na tecedura proustiana, o esquecer não é um processo rejeitado, porém, um processo ativo (Gagnebin, 1994, pp. 5-6), e Benjamin reconhece devidamente a importância do olvido no empreendimento memorialista proustiano.

A afinidade de Benjamin com o conceito de *mémoire involontaire* de Proust, todavia, não é absoluta. Com efeito, Benjamin articulará em sua obra uma ideia de memória diversa da proustiana, mas que, de certa forma, a contém. Benjamin designa esta memória como *Eigendenken*, termo traduzido do alemão por Jeanne Marie Gagnebin como “rememoração”. É esta concepção de memória que é efetivamente articulada em *Infância berlinense*.

## 2. Rememoração e o arqueólogo da memória

Sobre o conceito de rememoração, Benjamin escreve em um fragmento denominado “Escavar e Lembrar”<sup>3</sup>:

*A língua tem indicado inequivocamente que a memória não é um instrumento para a exploração do passado; é, antes, o meio. É o meio onde se deu a vivência, assim como o solo é o meio no qual as antigas cidades estão soterradas. Quem pretende se aproximar do próprio passado soterrado deve agir como um homem que escava. Antes de tudo, não deve temer voltar sempre ao mesmo fato, espalhá-lo como se espalha a terra, revolvê-lo como se revolve o solo. Pois “fatos” nada são além de camadas que apenas à exploração mais cuidadosa entregam aquilo que recompensa a escavação. Ou seja, as*

*imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio, igual a torsos na galeria do colecionador. E certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura. E se ilude, privando-se do melhor, quem só faz o inventário dos achados e não sabe assinalar no terreno de hoje o local no qual é conservado o velho. Assim, verdadeiras lembranças devem proceder informativamente muito menos do que indicar o lugar exato onde o investigador se apoderou delas. A rigor, épica e rapsodicamente, uma verdadeira lembrança deve, portanto, ao mesmo tempo, fornecer uma imagem daquele que se lembra, assim como um bom relatório arqueológico deve não apenas indicar as camadas das quais se originam seus achados, mas também, antes de tudo, aquelas outras que foram atravessadas anteriormente (Benjamin, 2011b, p. 227).*

Em primeiro lugar, no fragmento acima, ressalte-se que Benjamin identifica a memória como um *meio* para a exploração do passado, e não como um instrumento. As duas palavras, na língua portuguesa, se assemelham, na medida em que um “meio” pode ser entendido como um “instrumento” e vice versa, ou seja, “um recurso para atingir um resultado”. No entanto, neste fragmento, “meio” carrega consigo a noção de *espaço*. Trata-se da ideia do “meio” onde se deu a vivência, comparado ao “solo” onde cidades podem estar soterradas, como foi o caso de Pompéia. Nesse sentido, pode-se afirmar que Benjamin possui uma *noção espacializada da memória*, como local a ser escavado pelo indivíduo, solo de exploração.

É nessa perspectiva que o autor afirma que o indivíduo que pretende se aproximar do próprio passado “não deve temer voltar sempre ao mesmo fatos”, pois o “fato” do passado não é único nem absoluto. Ao contrário, está aberto para assumir feições diversas. Cabe salientar a afirmação de Benjamin de que Proust não escreveu “uma vida como ela de fato foi, e sim uma vida lembrada”, pois o acontecimento como “de fato foi” é finito. Já o que é lembrado, não possui limites (Benjamin, 2011a, p. 37).

Dessa maneira, os “fatos” são comparados às diversas camadas do solo que, apenas quando cuidadosamente escavadas, entregam ao investigador a “verdadeira recompensa” - “as imagens que, desprendidas de todas as conexões mais primitivas, ficam como preciosidades nos sóbrios aposentos de nosso entendimento tardio”. Estas verdadeiras recompensas são metáfora das imagens da rememoração, ou, ainda aqui podemos afirmar, da memória involuntária. O achado inesperado de um torso, na melhor das hipóteses, denota o caráter de *novidade* que caracteriza as imagens da *mémoire involontaire*, separadas das conexões anteriores e diversas de todas as camadas já passadas.

Na afirmação seguinte do fragmento, porém, a ideia de rememoração benjaminiana diferencia-se definitivamente da *mémoire involontaire* de Proust: “certamente é útil avançar em escavações segundo planos. Mas é igualmente indispensável a enxada cautelosa e tateante na terra escura”. As ideias da utilidade de um “plano” para escavação, e da enxada “cautelosa e tateante” na terra escura, evidenciam que a rememoração benjaminiana não depende, necessariamente, do *acaso*. É justamente esta a crítica de Benjamin à estética proustiana e Jeanne Marie Gagnebin afirma que o projeto de Benjamin, nos textos berlinenses, se diferencia claramente da *Busca* neste exato ponto.

O *acaso* pode servir à monumental narração de Proust sobre uma história de um particular, de *um* indivíduo, porém não serve ao historiador materialista que procura articular suas memórias na busca pelo “despertar de um século”. É certo que há memórias pessoais, de um indivíduo particular, em *Infância berlinense*. Não obstante, é evidente que Benjamin se interessa em fundir estes materiais autobiográficos com elementos de cunho social e coletivo da cidade de Berlim do início do século XX (Bolle, 1994). Nesse sentido, suas memórias são também memórias de uma coletividade determinada, como veremos adiante, e não podem depender do acaso para emergir à superfície.

A oposição de Benjamin a este aspecto da memória involuntária de Proust não significa, porém, que em sua concepção de rememoração o autor introduza elementos da memória voluntária, de caráter consciente, em cujo processo o memorialista trabalha sob a égide da *inteligência*. Nesse sentido, Gagnebin argumenta que, na obra

de Benjamin, “[s]em dúvida, como em Proust, as imagens do passado infantil voltam para iluminar o presente por uma coincidência súbita que não depende da memória voluntária do sujeito” (Gagnebin, 1994, p. 99).

Dito de outro modo, as ideias de um “plano de escavação” e da “enxada tateante na terra escura” denotam, como irá propor Gagnebin, uma espécie de “intensidade da atenção” do sujeito que rememora, porém não uma voluntariedade. A comentadora corrobora seus argumentos por meio de uma colocação de Benjamin do famoso prefácio d’*A Origem do Drama Barroco Alemão*, colocação que estaria em comunhão com as ideias expressas na metáfora do arqueólogo:

Método é desvio. A apresentação como desvio – eis o caráter metodológico do tratado. Renunciar ao curso ininterrupto da intenção é a sua primeira característica. *Incansavelmente, o pensamento começa sempre de novo, volta minuciosamente à própria coisa* (Benjamin apud Gagnebin, 1994, p. 99, grifos nossos).

No trecho acima, a autora ressalta a proposição de que, a primeira característica da apresentação como desvio, é “renunciar ao curso ininterrupto da intenção”. A intenção aqui é qualidade do sujeito *consciente*. Nessa perspectiva, ao contrário de apoiar-se na memória voluntária e consciente, Benjamin trabalharia, na verdade, com “uma espécie de intensidade da atenção em oposição, notadamente, à obstinação da intenção” (Gagnebin, 1994, p. 99). Ademais, voltar “minuciosamente à própria coisa” é também o que faz o arqueólogo da memória, e são diversos os fragmentos de *Infância berlinense* nos quais essa “intensidade de atenção” é patente, como no escrito “Duas Charangas”.

Benjamin inicia este escrito ao ilustrar uma primeira charanga, cuja música “temperava a torrente de pessoas que se empurravam na *Aleia Låster*”. A música desta banda militar o marcara, pois embalava a atmosfera de “paquera”, na qual, “pela primeira vez, o olhar do garoto procurou abordar o de uma passante” (Benjamin, 2011b, p. 104). A escavação atenta, que conduz o memorialista à imagem desta primeira charanga, traz à tona a imagem de uma outra, de “muito antes”, tão diferente, “cheia de brilho e ribombos”. Trata-se da banda que tocava próximo ao lago o qual, congelado no inverno, servia como pista de patinação, frequentada pelo autor quando criança.

Benjamin dá um tom de “encantamento” à narração desta segunda memória, um tom quase onírico, que a faz soar mais distante e longínqua do que a outra:

*O lago permanece vivo para mim*, contudo, no ritmo dos pés maciços, calçados de patins, que, após uma incursão sobre o gelo, iam de novo pisar com estrondos o chão de tábuas de uma cabine onde ardia uma estufa de ferro. Ao lado da estufa estava o banco onde se avaliava uma vez mais o peso dos pés antes da decisão de desatar os patins (...). Vindo da ilha, a música me acompanhava ainda um trecho no caminho de casa (Benjamin, 2011b, pp. 105-106).

O encadeamento deste texto dá-se como se o memorialista realmente realizasse um trabalho de escavação no solo. Nas primeiras camadas, encontra a memória desta primeira charanga. Com atenção a este ponto, revirando a terra, tateando-a meticulosamente e voltando sempre aos mesmos “fatos”, Benjamin depara-se com o tesouro de uma outra memória, mais longínqua, mais profunda e, principalmente, mais duradoura; como comenta o autor, “*o lago permanece vivo para mim* (...) no ritmo dos pés maciços”.

Susan Sontag (1986), apesar de não fazer referência direta à metáfora do arqueólogo, argumenta devidamente como Benjamin rejeita, em *Infância berlinense*, qualquer ordenamento cronológico de suas reminiscências, ficando claro que não era sua pretensão adotar um paradigma temporal nos textos de Berlim: apesar de a *Infância* ser localizada especificamente no início do século XX, Benjamin constrói seus textos por meio dos *espaços e descontinuidades da cidade*. Se se levar em conta a influência proustiana, a obra de Benjamin deveria, na verdade, intitular-se “*A la Recherche des Espaces Perdus*” (Sontag, 1986, p. 90).

### 3. Espaços da memória

Em *Infância Berlinense*, afirma Sontag, Benjamin “funde sua vida com o cenário” (Sontag, 1986, p. 90). Todavia, esta articulação entre memória e espaço não é de autoria benjaminiana. O mito fundador da arte da memória, que remonta aproximadamente quinhentos anos antes de Cristo, já a define como uma arte *espacial*. Trata-se da anedota de Simônides, (cerca de 557 a 467 a.C.)<sup>4</sup>.

Conta-se que o poeta Simônides é convidado por Scopas, grande boxeador, para escrever um “hino de louvor”, em memória de uma de suas grandes vitórias, e apresentá-lo em um banquete. Na ocasião, o poeta apresenta seu trabalho, que, no entanto, não é apreciado por Scopas. O boxeador incomoda-se com o fato de que grande parte do cântico é dedicado ao louvor dos dois deuses esportistas, e não aos seus próprios grandes feitos. Furioso, Scopas promete apenas um terço do pagamento a Simônides, que deveria esperar os outros dois terços dos deuses (Weinrich, 2001, p. 29).

Simônides, humilhado, continua no banquete, até o momento em que é inesperadamente chamado para fora da sala, pois dois jovens desconhecidos queriam falar-lhe. Ao abandonar os aposentos e sair ao ar livre, não encontra ninguém à sua espera. Repentinamente, o teto do salão desaba, e todos os convidados, inclusive o anfitrião, são mortos. Apenas Simônides, que assiste à tragédia do lado de fora, é salvo da injuriosa desgraça. Quiçá, a forma dos deuses de quitarem sua dívida (Weinrich, 2001, p. 30).

Porém, o que nos interessa na fábula, são os acontecimentos posteriores a este terrível desastre. Quando os parentes das vítimas desejam enterrar os seus, não conseguem reconhecer os corpos, de tão mutilados e desfigurados pelos escombros. Como poeta de grande memória visual, a Simônides foi possível determinar a identidade dos mortos pelo *local* que ocupavam no aposento do banquete, o que permitiu o devido sepultamento das vítimas. Por meio de tal façanha, Simônides passa a ser visto como “inventor da mnemotética”, e a arte da memória passa a ser relacionada, estritamente, com a ideia de espaço (Weinrich, 2001, p. 30).

Assim como Simônides, Benjamin articula suas memórias de maneira especializada. Com efeito, as experiências da criança de *Infância berlinense* são intimamente ligadas aos cenários nos quais se desdobram. No texto “A Ilha dos Pavões e Glienicke” (Benjamin, 2011b), esta relação entre a experiência infantil e o espaço desponta de forma notória.

No escrito, Benjamin narra duas experiências infantis, uma frustrada, a outra, vitoriosa. A primeira, dá-se com o verão que se aproxima, quando a criança viaja para sua antiga casa de veraneio. Numa destas tardes de verão, na “Ilha dos Pavões”, a criança sofre sua “derrota mais grave”. Fora-lhe concedida a tarefa de buscar, na ilha, uma pluma de pavão. Tarefa malograda e entristecedora, pois o garoto não encontra nenhuma pluma. Sua frustração perante esta experiência ultrapassa os próprios limites do indivíduo, e se expande territorialmente - não apenas a pluma, aquele “troféu encantador”, havia sido abjurada à criança, mas também todo um território circundante:

Com uma pluma apenas, teria me apossado dela – e não só da *ilha*, mas também da *tarde*, da *travessia da barca* desde Sakrow -, tudo isso me teria sido dado inteiramente, incontestavelmente, através de minha pluma. *A ilha se perdeu* e com ela minha segunda pátria: a terra dos pavões (Benjamin, 2011b, p. 129, grifos nossos).

A segunda experiência dá-se durante a aprendizagem do manejo da bicicleta. Os ensinamentos eram realizados em um ginásio, território no qual um limite havia sido socializado: uma separação “existia entre os que tinham de se exercitar no piso asfaltado e os outros que podiam sair do ginásio e pedalar no jardim” (Benjamin, 2011b, p. 130). Andar verdadeiramente de bicicleta significava, para o garoto, ultrapassar este limite territorial, passar a fazer parte deste segundo grupo, que podia aventurar-se em outras paisagens. Quando, finalmente, é concedida à criança a aventura, Benjamin narra:



Fiquei atordoado. O caminho era de cascalhos; as pedrinhas rangiam; pela primeira vez não havia proteção alguma contra o sol que me cegava (...) a bicicleta parecia se mover por conta própria. Era como se eu jamais a tivesse montado (...). *Ao desmontar, o fiz com a certeza de que Kohlhasenbrück com sua estação ferroviária, o lago Griebnitz com seus caramanchões abobados que desciam até a plataforma flutuante, o palácio de Babelsberg com suas graves ameias e os perfumosos pomares de Glienicke, caíram em meu regaço, através da aliança com aquele declive, com tanta facilidade como caem nos domínios monárquicos ducados ou reinados através dos matrimônios* (Benjamin, 2011b, p. 130, grifos nossos).

É possível observar neste ensaio a significância do território na percepção infantil. Assim se, com a derrota na Ilha dos Pavões, espaços são abjurados à criança, por meio da conquista do manejo da bicicleta, os territórios que circundam a experiência caem, facilmente, no regaço do garoto.

Pode-se dizer que, por meio desta especial articulação entre experiência, memória e território nos textos berlinenses, Benjamin acaba por construir um mapa afetivo de sua cidade natal<sup>5</sup>. De fato, um fragmento de *Crônica berlinense* evidencia claramente esta ideia de mapeamento urbano. Nele, Benjamin comenta:

Quando eu estiver velho, gostaria de ter no corredor da minha casa

Um mapa de Berlim

Com uma legenda

Pontos azuis designariam as ruas onde morei

Pontos amarelos, os lugares onde moravam minhas namoradas

Triângulos marrons, os túmulos

(...)

E linhas pretas redesenhariam os caminhos

no Zoológico ou no Tiergarten

que percorri conversando com as garotas

E flechas de todas as cores apontariam os lugares nos arredores

Onde repensava as semanas berlinenses

E muitos quadrados vermelhos marcariam os aposentos

Do amor da mais baixa espécie ou do amor mais abrigado do vento

(Benjamin apud Bolle, 1994, p. 313)

Neste mapa benjaminiano de Berlim, o autor estabelece uma intrínseca relação entre memória e cidade, na qual a memória “molda” a cidade e é também “moldada” por ela (Gilloch, 1996). Estas cartografias afetivas de Benjamin assumem, todavia, formas bastantes labirínticas, e não se assemelham, de maneira nenhuma, a um mapa tradicional. Ademais, ao contrário destes, os mapas benjaminianos não servem à orientação, mas são frutos dos trajetos da “arte de se perder”, principal referência do texto de abertura de *Infância berlinense*, “Tiergarten” (Benjamin, 2011b). Para o autor, o “saber se perder” possui um valor muito maior do que o “saber se orientar” em uma cidade.

A inspiração benjaminiana na figura do *flâneur*, e também nos escritos surrealistas, como o romance de André Breton, *Nadja*, revelam a metrópole como uma estrutura labiríntica e como o *locus* privilegiado da “arte de se perder”. Em *Infância berlinense*, porém, Benjamin é *flâneur* tanto nos espaços da cidade como no solo de sua memória. Isso porque a própria memória também é vista como espaço labiríntico.

#### 4. A criança

A cidade de Berlim, observada pelas lentes de uma criança, toma formas bastante peculiares no texto benjaminiano. Porém, aqui não se fala da percepção de qualquer criança do século XX, mas de uma criança burguesa, cuja família, e a própria classe, buscam segregá-la em territórios pré-determinados. É claro nos textos de *Infância berlinense* que existem regiões da cidade interditas à criança burguesa, que não deve atravessar as linhas de um mapa socialmente construído pelos seus “iguais”. Nesse sentido, a criança da coletânea de textos de Benjamin não é um indivíduo uno, mas representa uma coletividade e suas experiências são também aquelas das crianças burguesas de Berlim do início do século XX como um todo.

Essas memórias coletivas figuram, quase sempre, uma criança constantemente sufocada e frustrada (Stüssi apud Gagnebin, 1994, pp. 91-92), aprisionada dentro dos limites territoriais que lhes são impostos socialmente, a fim de que não tenha contato com os “outros”, que, como arrisca Gagnebin, são os pobres, miseráveis e revoltados - são o *proletariado* (Gagnebin, 1994, p.92). Nesse sentido, a comentadora afirma:

Com efeito, Benjamin insiste várias vezes na sua tentativa de captar, de reter imagens nas quais *uma experiência muito maior que o vivido consciente e individual do narrador se depositou*: a experiência da grande cidade tal como ela se apresenta a uma criança da classe burguesa, no início do século, e isto apesar de todas as estratégias familiares e sociais para esconder a existência dos outros, dos pobres e revoltados, da miséria e da morte (Gagnebin, 1994, p. 91, grifos nossos).

Dessa maneira, as narrações benjaminianas evidenciam uma cidade entrecortada, em especial, por limites de classe. São diversos os fragmentos que revelam este mapa urbano classista, como é o caso “Mendigos e Prostitutas”. Neste texto, Benjamin afirma:

*Em minha infância fui prisioneiro do antigo e novo Oeste. Meu clã habitava então ambos os bairros, numa atitude em que se misturava teimosia e orgulho e fazia de ambos um gueto, o feudo de nossa família. Nesse bairro de proprietários, permaneci encerrado sem saber da existência dos outros. Os pobres – para as crianças ricas de minha idade – só existiam como mendigos. E foi um grande avanço em meus conhecimentos quando comecei a entender a origem da pobreza na ignomínia do trabalho mal remunerado* (Benjamin, 2011b, p.118, grifos nossos).

O “antigo e novo Oeste”, mencionados neste trecho, são regiões do bairro do Oeste de Berlim, bairro de “proprietários”, nas quais não se poderia ter contato com as figuras socialmente marginalizadas da cidade. Benjamin passa sua infância sem saber da existência destes “outros” e, ainda mais, com uma noção sobre a pobreza bastante distorcida: para ele e os colegas de seu “clã”, a pobreza era necessariamente a mendicância. Apenas mais tarde é que se toma conhecimento da pobreza da classe proletária.

Com efeito, como salienta Graemme Gilloch, o conhecimento dos “outros” é desenvolvido, em *Infância berlinense*, de forma morosa, “por meio de várias expedições acompanhadas – de fato, sobrecarregadas – por guias particulares da cidade: pais, relativos, a babá” (Gilloch, 1996, p. 79, tradução nossa).

Tanto o texto citado acima, como outro ensaio intitulado “Acidentes e crimes” (Benjamin, 2011b) revelam uma experiência paradoxal, uma “secreta atração” da criança a tudo que poderia destruir a propriedade privada e “ameaçar a onipotência parental” (Gagnebin, 1994, p.92), ou seja, a atração por este “outro” desconhecido.

Em “Acidentes e Crimes”, Benjamin comenta sobre seu fascínio pelas desgraças urbanas, e alegoriza a ideia de “Desgraça”, como personagem fugidia e escorregadia. O autor afirma, “por toda parte circulava a Desgraça. A cidade e eu tínhamos lhe preparado um leito macio, mas em lugar algum se deixava ver” (Benjamin, 2011b, p. 123). A criança que escutava o alarme de incêndio e corria para assistir ao espetáculo, é frustrada pelos bombeiros, que já apagaram o fogo; os vestígios de um crime, de uma vitrine roubada, desapareciam sempre antes de serem vistos.

Os limites territoriais da cidade não são os únicos que enclausuram a criança berlinense; também o próprio interior da casa burguesa possui esta função. Os interiores, objeto de estudo tão caro à Benjamin, são vistos como ambientes privilegiados da burguesia, nos quais o contato com o outro, ou com a Desgraça, era impossível. Figuras como a avó e a tia de Benjamin permaneciam enclausuradas em suas casas e, mesmo não tomando contato com o mundo externo, “reinavam” sobre ele, como afirma o autor em “Rua Steglitz esquina com Genthin”:

Na infância daquela época ainda dominavam as tias, que já não saíam de casa, que, toda vez que aparecíamos com minha mãe para uma visita, nos aguardavam sempre com a mesma coifa preta e o mesmo vestido de seda, que nos davam as boas vindas sentadas na poltrona de sempre, junta da mesma janela de sacada. *Como fadas que influenciam um vale inteiro, sem nunca ter descido nele, reinavam em ruas inteiras, sem nunca tê-las pisado* (Benjamin, 2011b, p. 80, grifos nossos).

Ademais, este abrigo, ao mesmo tempo protetor e sufocante, revela-se sempre nos textos de *Infância* como um local salvo do tempo, dominado por uma atmosfera de eternidade. A impressão é de que nesses interiores, a mudança não poderia penetrar. Esta é a imagem de uma classe que vivia seu último sonho antes de sua derrocada, antes do verdadeiro despertar. Os signos da efemeridade e da morte, porém, já guarneciam os interiores, recheados de novos bens-de-consumo, de produtos da moda que, em pouco tempo, se tornariam obsoletos.

Apenas o discurso do adulto, que imiscui-se ao discurso da criança em *Infância berlinense*, é que revela este “entendimento tardio” ao qual se refere constantemente Benjamin. É somente na condição de exilado de sua cidade natal que, como previra o autor, assistiria uma das maiores atrocidades da história da humanidade, é que Benjamin identifica lembranças soterradas de uma Berlim há tempos entrecortada pelos limites da classe. O acesso e a narração destas reminiscências benjaminianas apenas é possível por meio da viagem pelos meandros de sua memória.

## 5. Viagem

No escrito de *Infância berlinense*, denominado “Partida e Regresso” (Benjamin, 2011b, pp. 77-78), Benjamin trata das percepções da criança que viaja. É interessante neste texto a estranheza da criança em relação ao seu próprio lar. Na partida, o crescente distanciamento da casa a torna “deformada” na percepção infantil. No regresso, quando aproxima-se do lar há tempos desabitado, o garoto retorna com a sensação de um “apátrida” (Benjamin, 2011b, p. 78).

Assim como viaja a criança neste pequeno escrito, em *Infância berlinense* Benjamin viaja para dentro do labirinto de sua memória. Sob esta ótica, os textos da obra apresentam uma tensão entre duas perspectivas discursivas. A primeira é análoga à situação da “partida”, e se trata do discurso da criança, do “eu recordado” - um indivíduo que entrevê um “caminho para frente” e possui ainda uma série de experiências a serem vividas. A segunda perspectiva é análoga à situação de “regresso”, e se trata do discurso do adulto, do “eu que recorda” e que viaja para trás, a procurar as imagens de suas reminiscências (Bolle, 1994, p. 321).

Nessa viagem, o autor depara-se com as coisas como que “pela primeira vez”, assim como a criança de “Partida e Regresso” estranha seu próprio lar. A metáfora da memória como labirinto é apropriada para salientar esta ideia, pois aquele que se desloca nestes espaços sinuosos e repletos de armadilhas, perde-se constantemente, anda em círculos, e pode retornar sempre aos mesmos lugares, acreditando que são locais novos, inéditos.

Com efeito, este caráter de “novidade” das imagens das memórias do autor em *Infância berlinense*, é engendrado não apenas pela metáfora da deambulação no labirinto, mas também pela ideia de um outro deslocamento, aquele do discurso do autor. A viagem de Benjamin permite que ele veja as coisas como que “pela primeira vez” não apenas porque descortina as imagens da criança da perspectiva distante do adulto.

Na verdade, a distância percorrida pelo viajante da memória, neste caso, é de outra espécie, e implica um deslocamento que, ao contrário de criar maior distância entre aquele que recorda e a criança recordada, encurta o trajeto e leva o leitor a um tempo no qual as coisas eram mais próximas a nós (Gilloch, 1996, p. 62) – trata-se não de um discurso *sobre* a criança no início do século XX, mas do próprio discurso *da* criança no início do século XX.

Benjamin apropria-se, assim, de “lentes infantis” para criar as imagens de sua cidade natal, e permite que esta forma específica de ver o mundo construa o discurso do texto. A criança, para o autor, possui uma relação privilegiada com o mundo das *coisas*, e está mais próxima dele que o adulto.

Gagnebin ressalta como, desde que começou a escrever estes textos, Benjamin determinou que seu último escrito seria “O corcundinha”, o “representante privilegiado da inabilidade, do fracasso e do esquecimento, ou ainda, de tudo o que escapa à soberania do sujeito consciente e marca tão profundamente a criança que não adquiriu a “segurança” do adulto” (Gagnebin, 1994, p. 94).

É esta inabilidade que traduz o acesso da criança a um *outro saber* sobre o mundo, que aparece geralmente, em *Infância berlinense*, nas narrações em que a criança deturpa o sentido de palavras. Tratam-se de “mal-entendidos”, palavras ditas pelos adultos, que soam para a criança com outras significações, ou como enigmas. Esta é a temática, por exemplo, de “A Mummerehlen”, escrito no qual Benjamin fala de uma antiga rima que, aos ouvidos da criança, soava deturpada. O autor comenta: “[o]s mal-entendidos modificavam o mundo para mim. De modo bom, porém. *Mostravam-se o caminho que conduzia ao seu âmagô*” (Benjamin, 2011b, p. 92, grifos nossos).

O “mal-entendido” traz consigo essa “modificação boa” do mundo e evidencia o acesso da criança a este outro saber, pois “para ela, as palavras não são, primeiro, instrumentos de comunicação, mas, sim, “cavernas” a serem exploradas” (Gagnebin, 1994, p. 93). O versinho deturpado da Mummerehlen abre à criança um universo de especulações, assim como a viagem ao inconsciente abre um universo de imagens inéditas ao memorialista. Benjamin comenta: “O versinho está deturpado; entretanto, cabe nele todo o mundo deturpado da infância” (Benjamin, 2011b, p. 94). Para Gagnebin, esta “incompetência infantil”, na realidade, seria “reveladora de uma verdade que os adultos não podem nem querem ouvir” (Gagnebin, 1994, p. 93).

A inabilidade da criança, sua estranheza e curiosidade em relação ao mundo, são características perdidas aos poucos, ao longo da viagem para o mundo adulto. O hábito, propõe Benjamin, obscurece a sensível visão infantil do mundo e o acesso a este outro tipo de saber.

## 6. Considerações finais

Nos textos de *Infância berlinense*, a intrínseca relação entre memória e espaço, e as questões que emergem desta problemática, constituem interessantes pontos para uma reflexão no campo da antropologia urbana. Com efeito, Benjamin não era antropólogo, tampouco leitor da literatura antropológica. Todavia, estes seus escritos podem ser analisados sob uma ótica etnográfica e são diversos os pontos que embasam esta perspectiva.

Em primeiro lugar, podemos afirmar, sem receio, que os escritos de *Infância berlinense* não são escritos autobiográficos, ou seja, não narram apenas memórias individuais do autor. Como procuramos evidenciar, Benjamin não abriu mão de conjugar, às suas memórias, elementos histórico-sociais da Berlim do início do século XX. As experiências infantis narradas na obra são representativas, então, das experiências de uma *coletividade* determinada, aquela das crianças burguesas da capital alemã por volta de 1900.

Ao narrar as experiências desta coletividade, por meio de sua viagem pelo solo fértil da memória, Benjamin desloca-se de forma a diminuir distâncias, e faz com que o próprio discurso infantil emerge em seu texto. Assim, foi possível ao autor acessar um *outro saber*, diferente do dele, e a revelar o imaginário de uma

época. Nesse sentido, podemos pensar a obra como um empreendimento *autoetnográfico*, no sentido de Marilyn Strathern (2014), visto que Benjamin desenvolve “o conhecimento de sua sociedade sobre ela mesma”.

Em segundo lugar, por meio da ideia de deslocamento, Benjamin acaba por resolver um dos maiores desafios do antropólogo urbano, aquele de transformar o familiar em estranho. Desde seus primórdios, a antropologia preocupou-se sempre com o *exótico* e o *distante*, com aquilo que estava *alhures*. Os primeiros antropólogos são aqueles “viajantes”, que percorrem grandes distâncias no espaço, a fim de tomar contato com tribos isoladas, nas quais os limiares entre o Eu e o Outro são bastante evidentes.

Ao contrário, para o antropólogo urbano, a linha entre o familiar e o estranho é extremamente tênue. Aquele que conduz pesquisas em sua própria cidade, acaba por estudar, muitas vezes, sua própria sociedade. Como, então, ser capaz de perceber os detalhes de uma cultura na qual estamos imersos? Como tornar evidente o que está obscurecido pelo hábito?

Assim como Benjamin, o etnógrafo urbano deve viajar, todavia, a distância que percorre não é mais necessariamente aquela medida em quilômetros. O antropólogo da cidade desloca-se multiplamente, como o autor de *Infância berlinense*. Ele deve encontrar maneiras de deslocar sua perspectiva habitual sobre sua sociedade e sobre sua própria cultura, a fim de acessar um outro saber. Deve também percorrer distâncias por entre as ruas, recompondo os trajetos de seus habitantes, criando seus próprios trajetos, em uma experiência cultural compartilhada, assim como Benjamin desloca-se nos espaços da memória, criando seus próprios mapas urbanos, que também constituem uma forma de conhecimento da cidade<sup>6</sup>.

Por fim, cabe salientar um último ponto que possui grande potencial analítico para os estudos etnográficos. Lembremos que, tanto a concepção de memória de Proust como a de Benjamin, articulam uma relação intrínseca entre recordação e esquecimento. Para lembrar, é essencial esquecer. Nessa perspectiva, ambos os autores escrevem sobre suas vidas não como de fato elas foram, mas sobre suas vidas *lembradas*. O que “de fato foi” é finito, já o que é lembrado não. Assim, no limite, em suas narrações, Proust e Benjamin também *criam*.

Há igualmente na etnografia um momento no qual as experiências e constatações do pesquisador são organizadas no intuito da construção de seu trabalho final e, por mais que o etnógrafo se sirva de uma variedade de materiais coletados em campo, como entrevistas, fotos, vídeos, anotações, é inevitável que parte de seu trabalho tome como suporte um processo de rememoração, tanto por parte de seus interlocutores e entrevistados, como dele próprio. Neste processo, onde se lembra, o etnógrafo cria, ou, como colocam Holly e Stuchlik “quando os significados dos atores são substituídos no decorrer da análise e da explicação, o antropólogo não está explicando a realidade social como ela existe no único sentido possível do ponto de vista de seu significado; por meio de sua explicação, ele cria” (1983 apud Strathern, 2014).

As análises dos textos de *Infância berlinense* aqui realizadas, em conjunto com a breve exposição de Benjamin acerca da memória, parecem todas apontar para o fato de que, o que está primordialmente em jogo, é a ideia de *deslocamento*. É possível notar sua presença em todas as metáforas aqui trabalhadas: como arqueólogo, Benjamin desloca-se no solo fértil de sua memória e perde-se nos labirintos de seu inconsciente. Como criança, deambula em sua cidade natal, em sua última visita à Berlim, e ultrapassa os limites territoriais de sua classe e de seu imaginário. Na viagem à sua infância, é o adulto que desloca seu olhar, veste as lentes infantis, e encurta, em seus discursos, a distância entre o indivíduo e o mundo das coisas. Benjamin também desenha seus trajetos e constrói seus mapas imaginários. Enfim, como um bom *flâneur*, não cansa de perder-se nos meandros de sua memória. Nota-se, assim, que a obra benjaminiana permeia atual e revela, cada vez mais, seu potencial para análise de questões hoje relevantes em diversos campos de estudo, inclusive, o antropológico.

## Referências

- Benjamin, Walter. (2011a). *Obras escolhidas I: Ensaio sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, Walter. (2011b). *Obras escolhidas II: Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, Walter. (2011c). *Obras escolhidas III: Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense.
- Benjamin, Walter; Scholem, Gershom. (1993). *Correspondência*. São Paulo: Perspectiva.
- Bolle, Willi. (1994). *Fisiognomia da metrópole moderna: representação da história em Walter Benjamin*. São Paulo: Edusp.
- Gagnebin, Jeanne Marie. (1994). *História e Narração em Walter Benjamin*. São Paulo: Perspectiva.
- Gilloch, Graeme. (1996). *Myth & Metropolis: Walter Benjamin and the city*. Cambridge: Polity Press.
- Kahn, Robert. (2012). Benjamin leitor de Proust, *Alea*, Rio de Janeiro, 14, 60-77.
- Sontag, Susan. (1986). *Sob o signo de Saturno*. Porto Alegre: L & PM Editores.
- Strathern, Ann Marilyn. (2014). *O efeito etnográfico e outros ensaios*. São Paulo: Cosac Naify.
- Weinrich, Harald. (2001). *Letzte, arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Record.

---

<sup>1</sup> Franz Hessel é uma importante referência de Benjamin. Autor e tradutor, Hessel é um dos primeiros expoentes alemães a articular a ideia francesa da flânerie. O autor é visto por Benjamin como o verdadeiro flâneur, e inclusive publica uma obra sobre a cidade de Berlim, inspirado nesta temática.

<sup>2</sup> Além dos escritos aqui mencionados, o autor desenvolve os esboços de uma tipificação da memória em mais quatro frentes: em seu ensaio sobre a lírica baudelairiana (Benjamin, 2011c, p. 103-149); em seu texto “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov” (Benjamin, 2011a); em alguns cadernos temáticos do projeto das *Passagens* e em “Sobre o Conceito de História” (Benjamin, 2011a).

<sup>3</sup> Deu-se preferência à tradução do título desta imagem de pensamento feita por Jeanne Marie Gagnebin (Gagnebin, 2014, p. 247). No original, em alemão, “Ausgraben und Erinnern”, traduzido pela autora como “Escavar e Lembrar”, aparece na edição da brasiliense, como “Escavando e Recordando” (Benjamin, 2011b, p. 227).

<sup>4</sup> A história é narrada por Cícero e Quintiliano e também, como fábula, por Fedro e La Fontaine (Weinrich, 2001, p. 29-34). Apresentamos, aqui, a versão fabulatória da história de Simônides.

<sup>5</sup> Sobre esta questão ver Bolle, 1994, p. 332.

<sup>6</sup> Há uma série de pesquisas etnográficas que trabalham com a ideia de deslocamento, inclusive com referências diretas à obra benjaminiana, como é o caso da proposta de “observação flutuante” de Colette Petonnet, ou da “Etnografia de Rua” de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornélia Eckert.